

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XL

**Um tesouro para a investigação
científica: Os Relatos de Henrique
Dias de Carvalho sobre a sua
«Expedição ao Muatiânvua» na
Lunda/Angola (1884-1888)**

BEATRIX HEINTZE



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2019

Um tesouro para a investigação científica: Os Relatos de Henrique Dias de Carvalho sobre a sua «Expedição ao Muatiânvua» na Lunda/Angola (1884-1888)¹

Beatrix Heintze

SUMÁRIO

Os relatos que Henrique Dias de Carvalho nos deixou sobre a sua expedição à Lunda, ao afamado Reino do Muâtianvua, são imponentes em termos de conteúdo e dimensão. Pretendo mostrar as razões pelas quais estes relatos, a meu ver, constituem uma fonte invulgar, verdadeiramente sensacional, para um investigador interessado na História da África Central e que a inclusão e contextualização das diversas informações sobre um aspecto particular da sua obra proporcionam um conhecimento surpreendente não só sobre a História desta região na segunda metade do século XIX, mas também sobre a sua política quotidiana interna no tempo de Carvalho. Sobretudo, pretendo salientar que os seus relatos ultrapassam em larga medida a simples recolha de informações isoladas, de entre as quais podemos escolher as que mais nos convêm.

A título de exemplo, proponho os seguintes temas: 1. O papel dos Luso-africanos a Leste do Kwango; 2. Estratégias e contra-estratégias relacionadas com a intensificação da comunicação por acção do comércio de longa distância nesta região; e 3. O parentesco fictício e as tradições de origem como estratégias políticas.

¹ Texto apresentado na Academia das Ciências de Lisboa ao 28 Maio de 2009 no acto da admissão como Académica Correspondente Estrangeira (com bibliografia actualizada). Agradeço a Marina Santos a tradução deste trabalho para português. Entretanto foi publicada, com a autorização da Academia, uma versão revista, em inglês, sob o título «A Rare Insight into African Aspects of Angolan History: Henrique Dias de Carvalho's Records of his Lunda Expedition 1884-1888» in Joseph C. Miller, Philip J. Havik e David Birmingham (eds.), *A Scholar for All Seasons: Jill Dias, 1944-2008*, volume especial de *Portuguese Studies Review* 19 (1-2), 2011, pp. 93-113.

INTRODUÇÃO

Há mais de quarenta anos que as minhas investigações têm incidido principalmente sobre Angola e a África Centro-Occidental. Por isso, gostaria de falar hoje também sobre essa área geográfica, ou mais precisamente sobre a região situada a Leste do Kwango, que também inclui o antigo *commonwealth* lunda², durante o século xix. Mas, ao mesmo tempo, gostaria de reforçar hoje, neste ilustre local, as pontes entre Portugal e Angola. Na minha área de pesquisa, ninguém me parece ser mais indicado para cumprir essa função, do que Henrique Augusto Dias de Carvalho. No entanto, não pretendo — à excepção de algumas palavras introdutórias — fazer um relato da sua biografia ou da sua grande expedição de quatro anos ao interior de África. Nem a sua missão oficial, nem as suas ambições pessoais, nem sequer o contexto económico e político desse empreendimento monumental estarão no centro desta minha apresentação. Em vez disso, pretendo salientar, com base em temas por mim investigados, o valor dos seus relatos para as investigações científicas actuais e a razão por que eles são muito mais do que um mero conjunto de informações isoladas, de entre as quais podemos escolher as que mais nos convêm.

Comecemos com algumas informações gerais sobre o próprio Carvalho, a sua expedição à Lunda e a sua obra.

Henrique de Carvalho, que viveu entre 1843 e 1909, seguiu a carreira militar que inicialmente o conduziu a Macau (1867-1873), São Tomé (1873-1876) e Moçambique (1877-1878). As suas experiências em Angola, como Engenheiro Auxiliar solicitado pelo Ministério das Obras Públicas (1878-1882), nos quatro anos seguintes deram origem ao projecto de uma grande expedição à Lunda que ele acabou por realizar, com outros dois participantes (Agostinho Sisenando Marques e Manuel Sertório de Almeida Aguiar), entre 1884 e 1888, por incumbência do Ministro da Marinha e Ultramar, em condições extraordinariamente difíceis. Este muito ambicionado empreendimento envolvia uma vasta actividade política, económica e científica, bem como enormes expectativas. Na minha presente comunicação tematizarei apenas alguns aspectos dos resultados *científicos*. Foi em consequência desta expedição que mais tarde foi criado o distrito de Lunda,

² Um termo introduzido por Jan Vansina (1998c, p. 1 nota de rodapé 1).

cujo primeiro governador foi Carvalho (1895). No entanto, este fracassou muito rapidamente na sua missão, tendo sido demitido do cargo e preso. Regressado a Lisboa, todas as acusações contra ele foram levantadas, como se prova pela sua promoção a general. A sua última comissão foi passada em África, como Administrador da Guiné (1898-1899).³

Os relatos que Henrique de Carvalho nos deixou sobre a sua expedição à Lunda⁴ são imponentes em termos de conteúdo e dimensão. Só a sua obra publicada engloba aproximadamente 7000 páginas. Os seus livros mais importantes são o relato em quatro volumes *Descrição da Viagem à Mussumba do Muatiânvua* (1890-1894), o volume *A Lunda ou os Estados do Muatiânvua, domínios da soberania de Portugal* (1890), com cartas, contratos e outros documentos, para além da quintessência das suas pesquisas históricas e etnográficas reunidas em *Ethnografia e História Tradicional dos Povos da Lunda* (1890). A estas obras acrescem ainda numerosos manuscritos em diversos Arquivos, muitos dos quais não foram publicados e que só agora serão alvo de uma sistematização. Carvalho remete frequentemente para o seu diário de viagem, que ele, obcecado com a sua missão, manteve escrupulosamente, quase dia após dia. Felizmente, Carvalho cita repetidamente grandes trechos desse diário e utiliza-os de forma mais ou menos alterada no seu relato de viagem publicado e nas suas numerosas cartas, escritas na mesma altura.

Invulgar é também o seu grande álbum de fotografias, que infelizmente não foi publicado até agora e de que eu consegui descobrir cinco exemplares — algo diferentes no que respeita à composição e esclarecimentos — em Portugal e na Inglaterra.⁵ Contêm, para além dos numerosos retratos individuais, desde simples carregadores até dignitários africanos altamente colocados e outras imagens realizadas por Manuel Sertório de Almeida, participante na expedição. As fotografias fornecem preciosas informações adicionais, graças às explicações detalhadas de Carvalho sobre cada uma delas. A análise destas imagens no contexto

³ Cf. relativamente à biografia de Carvalho, J.A. de Noronha Dias de Carvalho 1975 e Cantinho 2005, pp. 347-377; 2012.

⁴ Ver bibliografia.

⁵ Na Sociedade Portuguesa de Empreendimentos em Lisboa, no Ministério dos Negócios Estrangeiros em Lisboa (AHD/MNE), nas sociedades de Geografia de Lisboa e Londres, na Biblioteca Nacional de Lisboa. No Instituto Antropológico da Universidade de Coimbra, descobri fotografias soltas, sem legendas. Infelizmente, a publicação de um destes álbuns, preparada por Ana Paula Tavares, fracassou por falta de financiamento para um projecto tão dispendioso. Detalhes em Heintze 2013, pp. 461-463.

dos relatos de Carvalho contradiz, pelo menos neste caso, não só a tese do africano intimidado e abúlico como objecto fotográfico, mas também o rótulo atribuído à fotografia histórica em África, como «retrato de tipos étnicos» despersonalizante, por oposição ao retrato fotográfico individual, na Europa, e em épocas posteriores. Isto porque Carvalho utilizava, *simultaneamente*, os retratos com dados biográficos, no seu álbum e no seu relato de viagem — alterando correspondentemente as legendas — como fotografias de tipos étnicos na sua síntese histórico-etnográfica.⁶

Por fim, existe na Sociedade de Geografia um número considerável de objectos etnográficos recolhidos durante a referida viagem, que recentemente foram trabalhados e publicados de forma exemplar.⁷

Perante esta abundância de fontes, com centenas de nomes africanos e constantes repetições, apenas com ligeiras variações, um leitor que não se interesse muito pelo pormenor, depressa ficará com uma sensação de fastio. Mas, mesmo os cientistas ávidos de saber, parecem ter capitulado a dada altura. Isto manifesta-se pelo facto de estes, quando utilizam Carvalho como fonte, se reportarem sobretudo à sua síntese histórico-etnográfica, retirando, quando muito, uma ou outra informação adicional do primeiro volume do seu relato de viagem. Só muito raramente utilizam sistematicamente todos os depoimentos acerca de um tema, analisando o seu valor como fonte e o respectivo contexto. É verdade que o trabalho com base nesta fonte, em tempos como os nossos, programados para a obtenção rápida de resultados, é muito dificultado pela inexistência de índices onomásticos e gerais em todos os livros de Carvalho.

Eu pude, durante um ano, dar-me ao luxo de realizar esse trabalho preliminar e gostaria de mostrar, com base em três exemplos, as razões pelas quais os relatos de Carvalho, a meu ver, constituem uma fonte invulgar, verdadeiramente sensacional, para um investigador interessado na História da África Central e que a inclusão e contextualização das diversas informações sobre o referido tema na sua obra proporcionam um conhecimento impensável não só sobre a História desta região na segunda metade do século XIX, mas também sobre a política quotidiana no tempo de Carvalho. A título de exemplo, escolhi para hoje os

⁶ A este respeito, ver Heintze 1990; 1994; 1999c, pp. 7-8; 2013, cap. X-XII.

⁷ Ver Cantinho 2005, pp. 382-407; 2012.

seguintes temas: 1. O papel dos Luso-africanos a Leste do Kwango; 2. Estratégias e contra-estratégias relacionadas com a intensificação da comunicação por acção do comércio de longa distância nesta região; e 3. O parentesco fictício e as tradições de origem como estratégias políticas.

Como não pretendo aprofundar aqui os métodos de Carvalho para o trabalho de campo, gostaria, pelo menos, de salientar que nenhum outro investigador que na altura viajou pelas regiões a Leste do Kwango deu tanta importância como ele aos seus conhecimentos linguísticos. Carvalho aprendeu a língua lunda durante a viagem e esforçou-se em todos seus relatos por traduzir, de modo fidedigno, as designações locais para outras línguas.

1. OS LUSO-AFRICANOS NA ÁFRICA CENTRAL NO TEMPO DE CARVALHO

Os nossos conhecimentos sobre os Luso-africanos na costa de Angola e no *hinterland* de Luanda foram enriquecidos nos últimos anos por uma série de estudos de arquivo.⁸ No entanto, sobre o interior de África, existem poucas fontes relevantes. Os comerciantes e os exploradores que na altura percorriam as regiões a Leste do Kwango, entre os quais numerosos alemães, deixaram apenas observações esporádicas e, na maioria das vezes, muito resumidas. Só a análise sistemática dos relatos de viagem de Carvalho é que nos forneceu um manancial de novos conhecimentos que eu pude apresentar, numa série de publicações.⁹

Os filhos de pais portugueses, nascidos em Angola, e sobretudo os seus descendentes haviam adquirido, ao longo dos tempos, um protagonismo crescente. Em especial, na populosa região de Ambaca, formara-se, no decurso do século xvii e xviii, uma elite luso-africana independente dos sobados tradicionais. Tratava-se de um grupo muito heterogéneo, difícil de delimitar, sujeito a mudanças constantes que, no final do século xviii, desenvolveram uma identidade própria, identidade essa que, gradualmente, se foi libertando dos condicionamentos

⁸ Ver sobretudo Candido 2007, 2011, 2013; Corrado 2008; Dias 1984, 1998, 2000b; Ferreira 2003, 2007; Heywood e Thornton 2007; Miller 1988; Pantoja 1998, 2007; Vansina 2001, 2005.

⁹ Ver sobretudo Heintze 2004, 2004/2005, 2007b, 2010a, 2010c, 2011, 2013, cap. V e VI.

geográficos que estavam na sua origem e que foi adquirindo conotações culturais e sociais — os Ambaquistas. A língua materna destes Ambaquistas era, de um modo geral, o Kimbundu, mas eles orgulhavam-se de falar também o português, e muitos deles sabiam ler e escrever. Eram baptizados e consideravam-se cristãos convictos. Como símbolo exterior do seu estatuto elevado, estes Luso-africanos calçavam sapatos e usavam trajes europeus. Entre eles encontravam-se, além disso, numerosos artesãos especializados. Os Ambaquistas conquistaram especial reputação como comerciantes astutos e empreendedores que se aventuravam em viagens que iam penetrando cada vez mais no interior africano. Em meados do século xviii, já haviam chegado à capital do *mwant yav*, o poderoso governante da Lunda, no interior de África.¹⁰ Como investiam os seus lucros principalmente na aquisição de escravos (esposas e criados em idade infantil), dispunham sempre de um enorme séquito de parentes e dependentes, que, por sua vez, contribuía para cimentar as suas posições sociais e económicas e alargar os seus empreendimentos. No século xix, que na África Central constituiu o grande século do comércio de longa distância, os Ambaquistas tornaram-se notáveis peritos nesse tipo de actividade.

Os Ambaquistas consideravam-se portugueses e «brancos», o que não correspondia a um determinado aspecto físico, mas a certas características culturais. Raramente tinham uma pele clara. «Eu sou preto mas com o coração de branco»¹¹ definiu-se, certa vez, um dos carregadores de Carvalho. Esta atitude levou a que muitos dos portugueses brancos (e outros europeus) os encarassem com particular desprezo, devido aos seus preconceitos racistas. Os Ambaquistas, por seu turno, adoptavam os valores europeus, para se distanciarem dos outros africanos «não civilizados», tratando-os como «selvagens».¹²

É sobretudo graças aos apontamentos de viagem de Carvalho que hoje possuímos informações sobre a presença dos Ambaquistas em numerosos sobados situados entre o Kwango, o Lulua e o alto Zambeze, na segunda metade do

¹⁰ Documento 301 do arquivo de António Álvares da Cunha no Arquivo da Universidade de Coimbra, redigido, provavelmente, quando foi governador de Angola, entre 1754 e 1758. Citado in Vansina 2000, pp. 56-58.

¹¹ Xavier Domingos Paschoal 1887, numa carta a Carvalho in Carvalho 1890-1894, IV, p. 723.

¹² Relativamente aos Ambaquistas, ver Miller 1988: cap. 8; Dias 1998, pp. 363-364; 1986, pp. 291-295, 298, 303; e sobretudo Dias 2000b; Heintze 2004, cap. I.3 e III.1; 2004/2005; Buchner in Heintze 1999b, pp. 177-178.

século xix. Carvalho relata que, naquele tempo, ou seja, nos anos oitenta, raras eram as aldeias lunda que não se gabavam de ter um desses «portugueses» no seu seio e que era possível encontrar muitos dos chamados «filhos de Ambaca», ou indivíduos que se faziam passar por tal, até ao grau de longitude 24, entre o Cassai e o Zambeze.¹³

A fim de mostrar a complexidade destes processos postos em marcha pelo comércio distante, gostaria de referir brevemente o exemplo de Lourenço Bezerra Correia Pinto, o membro mais conhecido da notável família luso-africana de comerciantes no interior da África Ocidental, no século xix. Carvalho constitui, neste caso, mais uma vez, a fonte mais importante. Lourenço Bezerra e os seus parentes desempenharam um papel fundamental no comércio distante entre os portugueses e o *commonwealth* lunda, os Luluwa, os Kete e os Kuba. Mais tarde, destacaram-se também como intérpretes, guias e informadores das expedições científicas alemãs e portuguesas.¹⁴

Lourenço Bezerra era oriundo do distrito de Golungo, na Angola portuguesa. A sua língua materna era o Kimbundu, mas dominava a língua portuguesa, na oralidade e na escrita, tendo mais tarde adquirido também um conhecimento perfeito da língua Lunda. Vestia-se à europeia e estava familiarizado com a agricultura local e a agricultura europeia. Nos anos quarenta do século xix já fazia viagens comerciais bem sucedidas à região da Lunda, ao serviço da feitoria de uma firma portuguesa. Em 1862, fundou, a convite do rei da Lunda, uma colónia com a sua família, mais alguns Ambaquistas e outros seguidores. Ao longo dos anos, esta foi, a pouco e pouco, conseguindo estabelecer o monopólio do comércio entre a Angola portuguesa e a Lunda. Este facto foi, mais tarde, omitido ou menosprezado pelos exploradores alemães, a fim de reduzir a importância da sua participação nas chamadas «viagens de descobrimentos» ao *commonwealth* lunda.

Quando, em 1887, Carvalho chegou à capital da Lunda à beira do Calanhi, ainda encontrou vestígios de culturas introduzidas nessa região, em parte por

¹³ Carvalho 1890c, pp. 19-20; 1990a, pp. 482-483, ver também pp. 102, 104; relativamente à expansão dos Ambaquistas, ver Heintze 2004, cap. II.1., II.5., II.6., III.1.; e ainda Buchner in Heintze 1999b, pp. 279, 280, 290; Carvalho 1890-1894, I, p. 481; II, pp. 8, 92, 110, 114, 192, 249, 292, 307, 418-419; III, pp. 97, 529, 557, 644, 649, 736, 831, 896; Livingstone 1858, pp. 478; 1963, I, p. 227.

¹⁴ Ver detalhes in Heintze 2007b, 2010a, 2010c.

Lourenço Bezerra: couve, cebolas, feijão, tomate, beringelas, azedas, chicória, rábano, abóbora, melancia, amendoim, figos, batata doce, mandioca, algodão e sobretudo tabaco, para além de arroz, agora cultivado pela primeira vez nesta região.

Influenciado por Bezerra, o rei da Lunda incentivou o cultivo intensivo do tabaco pelo seu povo, a fim de se poder tornar autónomo nesta área.

Na colónia verificava-se também uma grande actividade artesanal. Teciam-se panos e cobertas de algodão e outras fibras vegetais, a partir das quais se faziam camisas, jaquetas, casacos e coletes, fabricavam-se sapatos com solas de madeira, grandes esteiras, cestos e chapéus de cânhamo e outras fibras vegetais, imitando a forma dos chapéus de palha europeus, produziam-se artigos sofisticados de barro, facas e garfos, fechaduras, machados e ganchos de ferro, colheres, cadeiras, bancos, mesas, grandes caixas e portas de madeira, enrolavam-se charutos e produzia-se aguardente a partir da cana de açúcar.¹⁵ Foi também Lourenço Bezerra o responsável pela importação de touros como animais de criação.¹⁶

Bezerra dava aulas de língua portuguesa, ortografia e aritmética elementar, nas quais participavam alguns dos jovens que cada um dos chefes tinha de oferecer ao rei como criados. Por ordem expressa do rei, cada um destes jovens deveria aprender um ofício. Em 1887, Carvalho ainda encontrou, junto ao Calanhi, três Lunda que sabiam falar e escrever o português. Haviam sido alunos de Lourenço Bezerra.¹⁷

Através de Carvalho, ficamos a saber que, também noutras regiões, os Ambaquistas ensinavam aos seus filhos e aos dos nativos a língua, a ortografia e a

¹⁵ Carvalho 1890-1894, II, p. 851 nota de rodapé; III, p. 913; IV, pp. 227-229, 232, 234, 243; 1890a, pp. 258-261; 1890c, pp. 208; 1892, pp. 211-212, 334-335.

¹⁶ Em 1882, a manada real espalhada pelo território, era alegadamente composta por 1200 peças (Carvalho 1890a, p. 260). No entanto, este número não é muito fiável, uma vez que, dois anos antes, Buchner encontrara apenas seis touros e uma vaca na Mussumba (Buchner in Heintze 1999b, pp. 209-210). O único chefe do interior, em cujo território Buchner ainda encontrara gado bovino — cinco touros e uma vaca — fora o Caúngula. No entanto, as cavalgadas de Buchner constituíam uma novidade, de tal modo valorizada em Mataba, que eram denominadas de «cabras grandes». Segundo os relatos feitos a Carvalho, antes da tomada de posse pelo *mwant yav* Ambumba, matavam-se bois diariamente, pelo que este já só encontrou seis cabeças (1890a, pp. 598-599). Por esta razão, a abundância de gado bovino na Lunda deve ser atribuída apenas ao governo do seu antecessor Muteba. Ver Carvalho 1890a, p. 34 (mais de 1400 no tempo de *mwant yav* Muteba); ver também 1890-1894, III, p. 913.

¹⁷ Carvalho 1890a, p. 260; ver também 1890-1894, III, pp. 913; IV, pp. 201, 208, 228-229; Heintze 2004, cap. II.1.

aritmética portuguesa.¹⁸ A procura era grande em toda a parte, já que se reconhecia que o conhecimento desta *língua franca* constituía uma vantagem para os negócios.¹⁹ É a Carvalho que devemos a indicação de que, mesmo nas regiões mais distantes do litoral, cada vez mais chefes contratavam Luso-africanos como secretários para as suas cortes e utilizavam cartas redigidas em português na correspondência comercial com os comerciantes portugueses e os Luso-africanos, bem como com outros chefes africanos. E, mais uma vez, é Carvalho que divulga à posteridade a existência de cerca de uma dúzia destas cartas.²⁰ Com isto, os Luso-africanos iniciaram um processo, a Leste do Kwango, que forneceu as bases para que a língua portuguesa aí se estabelecesse desde os tempos mais remotos.

Isto constitui apenas uma parcela ínfima das informações que Carvalho nos forneceu, sobretudo através dos seus relatos de viagem, sobre os Luso-africanos no interior da África, na sua época — um aperitivo que desperta o interesse para leituras mais profundas.

Consideremos agora o meu segundo tema, que se ocupa da intensificação das comunicações no interior de África, decorrentes do crescente comércio distante.

2. A COMUNICAÇÃO NO INTERIOR DE ÁFRICA NO TEMPO DE CARVALHO

A África Centro-Occidental apresenta uma história de modernização a longo prazo na área dos transportes e comunicações, na qual os processos de apropriação e inovação desempenharam um papel fundamental. As ligações de transporte e comunicação que cobriam vastas distâncias alteraram e marcaram profundamente a estrutura espacial desta região, bem como a História e as condições de vida dos seus habitantes. Neste processo, não foi apenas a exportação ou importação de «bens materiais» (incluindo escravos) que desempenhou um papel fundamental, mas também o acesso à informação e conhecimento de todo o tipo (ou a privação deste), bem como a divulgação de notícias e rumores. A rede de

¹⁸ Carvalho 1890-1894, II, p. 8 (junto aos Shinje), III, p. 648 (junto aos Luluwa).

¹⁹ Carvalho 1890-1894, I, p. 421.

²⁰ Ver Apêndice in Heintze 2004/2005; 2013, cap. V.

comunicação supra-regional, que no século xix se foi tornando cada vez mais apertada, e a integração de um número crescente de regiões do interior de África nesta realidade global conduziram aí ao desenvolvimento de novas estratégias para enfrentar esse desafio.

Graças aos relatos pormenorizados de Carvalho, que não se limitam à apresentação das suas sínteses, mas que contêm uma descrição, passo a passo das suas observações e experiências muito específicas, é possível detectar e analisar muitos destes processos também para as regiões a Leste do Kwango. Os seus diários e cartas, que reproduzem quase textualmente numerosas conversas e discussões com reis, chefes, conselheiros, guias de caravanas e carregadores africanos, dão-nos uma visão relativamente vasta dos «bastidores», pouco habitual nos relatos de viagem daquela época.

Era nas informações e experiências das caravanas de regresso que se baseavam as decisões acerca do «se», «como» e «quando» de novos empreendimentos. Durante o trajecto, as caravanas estavam mais interessadas nas condições específicas das suas rotas de viagem: no percurso mais favorável e nas possíveis alternativas, nos obstáculos, barreiras alfandegárias e outros condicionamentos a evitar; nas informações sobre segurança, alimentação e relações políticas, e também em informações sobre novos mercados promissores e novas oportunidades comerciais. A isto acrescia a necessidade de uma reavaliação constante, para determinar se o destino escolhido estava de acordo com os objectivos traçados. Em cada aldeia por onde passavam, estas coordenadas eram actualizadas e enriquecidas com novos detalhes e novidades fornecidos pelas caravanas de regresso. Os dirigentes das caravanas trocavam entre si e com os chefes das aldeias e os governadores de chefados as suas informações, conhecimentos geográficos e experiências. Foi também deste modo que os exploradores conseguiram, a pouco e pouco, avançar pelo interior. Os governantes locais, por sua vez, aproveitavam as visitas destes viajantes para se informarem sobre as regiões mais distantes, a fim de orientarem a sua política de acordo com as circunstâncias e quiçá organizarem, eles próprios, uma caravana para aquelas regiões.

Desta forma, notícias e informações variadas espalhavam-se por centenas de quilómetros, como evidenciam os exemplos das caravanas comerciais de Saturnino de Sousa Machado e António Lopes de Carvalho, bem como da expedição de Hermann von Wissmann ao Lulua. As suas actividades e consequências foram

relatadas com surpreendente frequência e detalhe a Carvalho na sua viagem à capital da Lunda, a grande distância, principalmente pelas caravanas Mbangala de regresso, ou pelos chefes africanos que as tinham acolhido.²¹

Se, porém, as notícias trazidas de longe vinham tingidas de medo, era difícil avaliar a sua veracidade. Os relatos de conflitos armados, assaltos ou *razzias* de escravos, nomeadamente, eram muitas vezes reproduzidos de forma bastante exagerada e distorcida. O que podia transformar meia dúzia de assaltantes Chokwe numa invasão iminente «dos» Chokwe em geral.²² Carvalho permite-nos tomar consciência da dificuldade destes processos de avaliação. Em especial, quando se tratava das intenções secretas de caravanas de grandes dimensões, de algum modo incomuns, os rumores disparavam. Na maioria das vezes, expressavam, de um modo bastante exacto, os próprios receios resultantes de más experiências ou uma consciência pesada.

Não admira que as raras caravanas dirigidas por brancos fossem alvo de especial interesse. Os rumores acerca dos preparativos da expedição de Carvalho em Malanje depressa se espalharam, tornando-se um dos principais temas de conversa entre os Mbangala. A má experiência que tinham tido com os portugueses levava-os a prever o pior. Os soldados que acompanhavam a expedição despertaram especial desconfiança. Durante muito tempo, os Mbangala desconfiaram que a intenção de Carvalho era aliar-se ao rei da Lunda contra eles, para com a sua ajuda os expulsar dos seus territórios. Só os prudentes mais-velhos impediram que a situação se transformasse numa tentativa, possivelmente sangrenta, de fazer frente à expedição. Quando esta mais tarde se dirigiu ao Norte, desconfiou-se durante algum tempo que o seu destino era o Kongo. Só à medida que foram chegando cada vez mais informações sobre a forma correcta como Carvalho e o seu pessoal tratava as populações, as opiniões mudaram. A partir de então, os Mbangala passaram a vê-lo como alguém que abria novos caminhos ao comércio, uma opinião que se espalhou tão depressa como a primeira.²³

²¹ Ver Carvalho 1890-1894, II, pp. 192, 260-261, 277, 281-282, 297, 626, 646; III, pp. 498-499, 830; IV, pp. 507, 529.

²² Carvalho 1890c, p. 116.

²³ Carvalho 1890-1894, I, pp. 332, 435; II, pp. 286, 316; IV, p. 597.

Porém, o medo não constituía apenas um terreno fértil para o desenvolvimento de receios próprios, mas servia também para incentivar receios alheios através da divulgação de rumores e histórias de terror, como os dos canibais nas imediações.²⁴ Os Mbangala foram mestres nesta estratégia defensiva que, no interior da África, substituiu eficazmente barreiras e exércitos. A sua situação geográfica como guardiães das mais importantes travessias do Kwango e o seu domínio sobre o comércio de escravos e de borracha no Norte conferiam-lhes uma posição-chave. Independentemente das suas preocupações formuladas das mais variadas maneiras, sobre as verdadeiras intenções da expedição de Carvalho, o que lhes interessava sobretudo era manter intacto o seu monopólio comercial. Serviram-se então do receio geral que existia em relação ao rei da Lunda, para disporem as populações e os seus chefes contra esta expedição e os impedirem, por exemplo, de lhe fornecer carregadores. A divulgação do boato de que os Mbangala pretendiam barrar, de forma violenta, a passagem da expedição e que matariam qualquer carregador à mínima infracção tiveram como consequência o facto de ninguém querer entrar ao serviço de Carvalho, uma vez que este tencionava, alegadamente, entregar os carregadores contratados em Malanje e pelo caminho, ou as mulheres das aldeias por onde passava, ao rei da Lunda como escravos. Os seus cálculos revelaram-se acertados. A população local preferiu esconder-se dos portugueses no mato, ou então, render-se aos Mbangala em *razzia* sob protecção das suas caravanas, do que expor-se a um destino ainda mais ameaçador junto aos Lunda.²⁵

Os Mbangala procuraram também instrumentalizar os Chokwe para os seus propósitos, espalhando o boato de que Carvalho tencionava fazer guerra contra eles. Os Mbangala esperavam que com isto os Chokwe os aliviassem do seu trabalho, barrando a passagem aos portugueses e eliminando assim uma perigosa concorrência comercial.²⁶

Eles, por sua vez, barravam, sempre que possível, a travessia do Kwango às caravanas dos Lunda, a fim de impedir que estas estabelecessem contactos directos com os portugueses. A justificação «preventiva» era de que, no litoral, o que os esperava era escravidão por toda a vida. Em relação aos Lunda, receavam que

²⁴ Ver Heintze 2006.

²⁵ Ver Carvalho 1890-1894, I, p. 365; II, pp. 75, 390, 429, 459, 517, 782; III, p. 290.

²⁶ Carvalho 1890-1894, II, pp. 317, 339.

o seu rei tivesse enviado caravanas e missões diplomáticas, a fim de reunir soldados para os expulsar, a eles, os Mbangala, do seu território.²⁷

Se Carvalho não tivesse investigado todos estes boatos e mudanças de opinião, nos seus mais ínfimos detalhes, se não tivesse reconhecido as estratégias ocultas e, sobretudo, se não tivesse documentado o respectivo contexto e a sua sequência cronológica, não nos seria possível compreendermos hoje como as populações africanas se sentiam ameaçadas, não só pelas grandes caravanas comerciais de longa distância e as expedições científicas bem apetrechadas, mas também pelos seus vizinhos africanos e as reacções delas resultantes. Sem estes exemplos concretos, teríamos muita dificuldade em reconhecer a utilização intencional dos rumores como estratégia defensiva e em dar o devido valor aos sucessos por ela alcançados.²⁸

Consideremos ainda o meu terceiro tema.

3. O PARENTESCO PRETENDIDO E AS TRADIÇÕES DE ORIGEM COMO ESTRATÉGIAS POLÍTICAS

As tradições orais da África Centro-Occidental registadas nos séculos xix e xx revelam duas características particulares: em primeiro lugar, narram a História sobretudo como uma sucessão de conflitos entre parentes próximos. Isto acontece sobretudo em relação às narrativas fundadoras de Estados, dinastias e grupos étnicos. Em segundo lugar, este princípio explicativo está, na maioria das vezes, relacionado com vastas migrações. Estas migrações ligam o fundador de um Estado ou o primeiro titular de um cargo político a uma outra unidade política ou étnica que, a nível cultural, linguístico e político, se distingue claramente daquela a cuja História a tradição se refere. Na maioria das vezes, o local de origem é, por qualquer razão, particularmente prestigioso.

O parentesco é definido de formas muito diversas no mundo. O círculo de pessoas que ele engloba difere de sociedade para sociedade e pode ser muito extensivo. A importância central das concepções relativas às categorias de

²⁷ Carvalho 1890-1894, III, pp. 168, 512.

²⁸ Para uma discussão mais aprofundada dos assuntos abordados neste capítulo ver Heintze 2008.

parentesco na África Centro-Ocidental está patente sobretudo nos conceitos de «parentesco perpétuo» (*perpetual kinship*) e de «sucessão posicional» (*positional succession*). Os cargos políticos eram relacionados entre si de acordo com as categorias de parentesco vigentes que alegadamente reflectiam a situação do primeiro detentor do cargo, sem ter em conta as relações reais, por vezes mesmo inexistentes, de parentesco do respectivo governante, perpetuando-as até ao presente. Isto deu origem a uma apertada rede de «parentesco», no espaço e no tempo, que os Rund da África Centro-Ocidental centraram na sua família real de então e nas suas origens lendárias, que durante muito tempo foram utilizadas eficazmente para a estabilização e expansão do seu domínio.

Os relatos de Carvalho dão-nos uma visão única da importância destas relações de parentesco a nível estatal no grande *commonwealth* lunda no século XIX e, o que é raro, da sua utilização concreta no quotidiano político. Os relatos revelam a grande margem de manobra dos órgãos decisores para a ocupação dos cargos por aptidão ou outras condições específicas e, simultaneamente, para o fortalecimento e manutenção da estreita ligação à dinastia dominante. É que estas relações fictícias criaram condições para que o pequeno centro de poder do núcleo dos Rund conseguisse estender eficazmente o seu domínio sobre um território gigantesco de diversas línguas e culturas, e o conseguisse manter quase sem contestação por muitas décadas.²⁹

Assim, segundo uma das diversas tradições, o primeiro Caúngula do Lóvuia teria sido um descendente de um tio de Luéji, a mãe lendária do primeiro rei da Lunda (*mwant yaw*). Com base nesta afinidade e de acordo com o sistema de parentesco da Lunda, a partir de então, todos os Caúngula passaram a ser considerados «avós» tanto do rei Lunda então no poder, como de todos os seus antecessores.³⁰ Apoiado pelo rei da Lunda, esse primeiro Caúngula do Lóvuia teria mais tarde dividido o seu domínio com um irmão. Desde então, todos os descendentes desse irmão (nomeados pelo rei) representam o *irmão mais novo* do primeiro Caúngula do Lóvuia, independentemente de existir ou não tal afinidade (ou outra qualquer) com aquele governante. Do mesmo modo, um Bungulo no

²⁹ Para uma discussão mais pormenorizada dos assuntos abordados neste capítulo, ver Heintze 2010b; 2013, cap. I e II; cf. também 2007a.

³⁰ Carvalho 1890-1894, II, pp. 568, 621.

poder representava sempre o *filho* do Caúngula do Lóvua, uma vez que o filho do primeiro Caúngula tinha (ou teria) sido um Bungulo.³¹ Esta hierarquia política (muitas vezes fictícia) estruturada de acordo com a idade (também geralmente fictícia) dentro do sistema de parentesco vigente estava também patente em toda a organização hierárquica visível da política quotidiana, como a disposição de lugares, a sequência das intervenções orais, as insígnias, os modos de tratamento, as interjeições e outras formas de etiqueta, independentemente da idade efectiva e da relação de idades de facto verificada entre os titulares presentes. Da posição que um titular ocupava nesta hierarquia decorria o seu peso político no *commonwealth* lunda e na corte do rei.

Como a constituição destas relações de parentesco tinha a ver com processos históricos que, por sua vez, estavam inseridos em contextos políticos diversos, seria errado supor que elas reflectiam «artefactos» de um passado extinto. É mais provável que, na maioria destes casos, se tenha tratado de construções políticas que, tal como outras constelações, estavam sujeitas a transformações e podiam ser adaptadas a novas realidades políticas. Sem as numerosas indicações, exemplos e esclarecimentos de Carvalho faltar-nos-iam as bases para compreendermos a função política destas estruturas de parentesco e não nos seria possível chegar a tais conclusões.

De acordo com os mesmos princípios era também possível estabelecer ligações entre outros grupos étnicos e o centro de poder dos Rund e Lunda, caso em que a iniciativa partia provavelmente desses grupos, visto que, sobretudo no século XIX, uma relação histórica de parentesco lhes trazia vantagens políticas e económicas, como a de poderem tornar-se parceiros comerciais, encontrar rotas abertas e minimizar situações de conflito com vizinhos, causadas pelo seu estabelecimento no *commonwealth* lunda. Nestes casos, a «afinidade original» estava geralmente ligada à emigração de um ou mais fundadores de outras etnias actualmente vizinhas.

Estas tradições foram interpretadas de forma muito diversa ao longo das últimas décadas. Inicialmente foram tomadas à letra, mais tarde foi-se relativizando cada vez mais a sua veracidade histórica e descobrindo nelas um número crescente de *topoi* e princípios estruturais recorrentes. Em especial, as migrações ligadas a estas histórias suscitaram grandes interrogações. Desde há alguns anos

³¹ Carvalho 1890-1894, II, pp. 433, 568; III, pp. 104, 919-923; 1890a, p. 235; 1890b, p. 231.

assiste-se a uma aceitação cada vez maior, com base em numerosos indícios, da ideia de que as referidas tradições, na sua forma actual, são, pelo menos na África Central, total ou parcialmente, um produto relativamente recente, por exemplo do comércio distante.³²

Graças sobretudo aos relatos de Carvalho, pude recentemente confirmar essas interpretações e mostrar que também entre os Lunda, os Mbangala e os Chokwe a constituição de tais tradições foi um processo permanente. As suas tradições falam, no século xix, do parentesco genealógico original, primeiro dos governantes Mbangala e segundo de diversos chefes Chokwe com a dinastia real dos Rund. Os motivos são óbvios: tanto os Mbangala como os Chokwe tiveram, no século xix, um contacto particularmente intenso com os Rund/Lunda: uns como comerciantes versados, os outros como imigrantes cada vez mais agressivos. Mas estas relações artificiais de parentesco inter-étnico não tinham uma duração eterna. Podiam desaparecer ou ser substituídas por outras, se as constelações políticas, económicas ou quaisquer outras que fossem decisivas para a vida política regional se alterassem.

Neste contexto, o valor extraordinário dos relatos de Carvalho reside não só no facto de ele não se limitar a expor as conclusões das suas averiguações, mas também — como no seu diário — descrever frequentemente a respectiva situação e o contexto em que ocorreram e em que as informações lhe foram fornecidas. É justamente este contexto que torna tão única esta fonte: pois algumas das tradições orais que documentou não resultaram, como hoje é habitual e necessário, de *perguntas* feitas numa situação de entrevista, mas sim *vividas* por Carvalho, enquanto testemunha ocular ou de ouvido, mais ou menos envolvida nos acontecimentos quotidianos, como parte de uma encenação política. O seu registo ímpar de alocações e discursos oficiais, trocas de argumentos e conversas mostra, para além disso, como certos aspectos da tradição oral do século xix constituíam

³² Miller 1978, 1980; Vansina 1998a (onde se faz também um resumo do debate) e em especial 1998b (manuscrito); MacGaffey 2000, p. 11 e cap. 4, em especial pp. 69, 72-77, 205; 2005, p. 200; Thornton 2001, p. 97; Heintze 2007a; 2007d, cap. I. 1; 2010b; 2013, cap. I e II. Há já várias décadas, Vajda (1973/74) tinha revelado o carácter tópico de histórias sobre migrações de povos. Há anos que Vansina tem procurado de forma convincente — depois confirmado por John H. Robertson e Rebecca Bradley 2000 — remeter também para o reino da fábula as «migrações Bantu», que há muito são consideradas uma forma de pensamento generalizada (ver por exemplo Vansina 1995, pp. 173-195).

a base da retórica nos debates políticos quotidianos e a forma hábil como foram instrumentalizados com fins políticos. Procedimentos deste tipo já não se podem observar hoje em dia e as fontes antigas pouco ou nada nos dizem sobre o assunto. Carvalho constitui, portanto, uma excepção única.

Um passado comum, mesmo que fosse num tempo muito recuado, podia ter grande peso político para o presente. Por um lado, era uma maneira de participar no prestígio de Estados renomados.³³ Por outro, estas afirmações de parentesco podiam ser úteis numa altura de contactos crescentes devido ao comércio (p. ex. dos Mbangala com os Lunda) e conflitos armados (por exemplo dos Chokwe com os Lunda). Para além de fornecerem argumentos para atirar à cara do adversário a perversidade da sua agressão, podiam, no caso de uma (re)aproximação, funcionar como um elemento unificador. Assim, nos anos oitenta do século XIX, por exemplo, quando a capital e muitos chefados dos Lunda foram, ou se sentiram ameaçados pelos Chokwe, foi particularmente importante para os Lunda poderem salientar a ascendência comum dos seus respectivos governantes hostis, embora não se tenha conseguido evitar a violência apenas através da retórica da memória.³⁴

A forma como estas concepções de parentesco já na altura estavam entranhadas na consciência geral está patente nas alusões estereotipadas registadas por Carvalho durante as conversas que teve com Mbangala, Lunda e Chokwe, ou nas quais participou. Nas suas respostas, tentativas de mediação e alegações, ele próprio recorria com grande frequência a elas, tornando-as ainda mais populares; no entanto, seria errado ver nele o causador e divulgador destas concepções de parentesco, conquanto as conheçamos quase só através do seu testemunho. Basta uma pequena selecção³⁵ de referências, mais ou menos explícitas, ao «parentesco ancestral» nas tradições das três etnias aqui abordadas, para constatarmos como na altura ele fazia parte de uma identidade colectiva e de uma cultura comum de memória, sendo utilizado tanto em circunstâncias banais como em ocasiões de grande relevância política.

³³ Cf. por exemplo *ngola a kiluanje*, reclamado como fundador, entre outros, também pelo reino de Wambu, situado muito a Sul, com ajuda do *topos* migratório. Childs 1964, p. 370; Heintze 1987: 276; cf. também 2011: 110 nota de rodapé 40.

³⁴ Ver exemplos in Carvalho 1890c, p. 123; 1890-1894, II: 723; cf. também Capello e Ivens 1881, I: 173; Wissmann, Wolf, von François e Müller 1891: 101.

³⁵ Detalhes in Heintze 2013, cap. I e II.

O apelo a uma relação de parentesco remota com os visitantes, ou os visitados, tornou-se, deste modo, uma estratégia para resolver conflitos. A repetição frequente ocasionada pelas crescentes intervenções diplomáticas e pelo adensamento da rede de caravanas levou à disseminação por extensas regiões de determinadas versões narradas nas audiências públicas nos centros de poder, acabando por se transformar num património comum. Como, no século XIX, as características fundamentais da alegada ascendência comum estavam bastante divulgadas, todos sabiam de que se estava a falar, quando em determinadas frases era feita alguma alusão a essa ascendência.³⁶

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através destes pequenos exemplos, pretendi dar uma ideia de como os relatos de Carvalho da sua expedição à Lunda são ainda hoje, ou melhor, sobretudo hoje uma fonte única para a investigação da História pré-colonial (em sentido estrito) da África Central. É verdade que Angola, ao contrário de tantas outras regiões de África, foi abençoada com numerosas fontes escritas anteriores ao século XX. Contudo, em relação ao interior do continente, às regiões a Leste do Kwango, os relatos feitos no século XIX são raros e muitas vezes pouco específicos. Por isso, tive um grande empenho em mostrar aqui o quanto devemos a Henrique Dias de Carvalho, neste campo. Isto não foi suficientemente reconhecido até agora e, a meu ver, a verdadeira importância dos seus relatos de viagem tem sido bastante subvalorizada.

Independentemente do método rigoroso de observação e descrição de Carvalho e da sua curiosidade científica que não excluía detalhe algum, a qualidade desta fonte preciosa deve-se principalmente à sua concepção do Homem, que não colocava à partida os africanos e luso-africanos numa categoria diferente da dos europeus, como era habitual na sua época. Isto torna-se evidente se compararmos os seus relatos com os de outros exploradores em Angola, não só portugueses, mas também alemães. Em vez de, como a maioria deles, ver os

³⁶ Ver por exemplo Carvalho 1890c, pp. 151, 168, 180, 234, 240, 317, 318; 1890-1894, II, pp. 278, 280; IV, p. 581.

carregadores apenas como uma «corja» de «ladrões» «insolente», «descarada», «preguiçosa» e «cobarde» ou de descrever os «pretos de Angola» como sendo essencialmente «cobardes, preguiçosos, pouco fiáveis, mentirosos, devassos, levianos, espertalhões e supersticiosos», bem como ladrões e embusteiros, os tratar correspondentemente e não se interessar pelas condições de vida de cada um,³⁷ Carvalho representa os seus carregadores mais importantes com sensibilidade, contando, se bem que sucintamente, as suas histórias pessoais. Leva até um deles, a seu pedido, para Lisboa juntamente com um outro empregado africano, alberga-os por sua conta numa pensão e pede a um empregado europeu para lhes servir de guia na cidade. Quando um mês depois as saudades da família em Angola apertaram, Carvalho ainda tratou da sua viagem de regresso.³⁸

Deste modo, encontram-se repetidamente nas descrições daquele explorador indivíduos que se destacam da massa geralmente anónima de empregados africanos de outros relatos, que tentavam, de diversas maneiras, vencer as dificuldades da vida que Carvalho nos permite acompanhar em algumas das suas fases. Graças às invulgares fotografias da expedição, conhecemos os seus rostos, imaginamos alguns dos seus sentimentos íntimos e aprendemos, através dos dados biográficos fornecidos por Carvalho que os antigos escravos não viviam necessariamente uma vida obtusa, que eram curiosos e tinham uma grande vontade de saber, que utilizavam as suas capacidades especiais e que, de vez em quando, também sentiam prazer no seu trabalho. Carvalho apresenta-nos de modo semelhante muitos dos seus interlocutores africanos com que se cruzou pelo caminho, por palavras e imagens.

Por isso, penso que ainda há muito por descobrir nos relatos de Carvalho sobre a História e as condições de vida na África Central, no século XIX. Espero ter conseguido hoje transmitir uma pequena parte.

(Comunicação apresentada à Classe de Letras
na sessão de 28 de maio de 2009)

³⁷ Ver por exemplo Pogge 1880, p. 75. Outros exemplos in Heintze 2004, cap. I. 2; ver também 1999a, 2009.

³⁸ Ver Heintze e 2004, cap. II. 2.

BIBLIOGRAFIA

- Álbum de Fotografias da Expedição Portuguesa ao Muatianvua 1884/88 de Manuel Sertório de Almeida Aguiar (fotografias) e Henrique Augusto Dias de Carvalho (textos), [1890], (Arquivo Histórico Diplomático / Ministério dos Negócios Estrangeiros. Lisboa (AHD/MNE).
- Candido, Mariana P., 2007: «Género, raça e mobilidade social: as donas em Benguela, 1750-1850», comunicação no *III Encontro Internacional de História de Angola: Para a Elaboração da História Geral de Angola: das Sociedades Antigas à Época Contemporânea*, 25.-28.9.2007 in Luanda, Angola.
- 2011: «Tracing Benguela Identity to the Homeland», in Ana Lucia Araujo, Mariana P. Candido e Paul E. Lovejoy, *Crossing Memories. Slavery and African Diaspora*, Trenton et al.: Africa World Press, pp. 183-207.
 - 2013: *An African slaving port and the Atlantic world: Benguela and its Hinterland*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Cantinho Pereira, Manuela, 2005: *O Museu etnográfico da Sociedade de Geografia de Lisboa. Modernidade, Colonização e Alteridade*, Braga: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- 2012: «In memoriam», in *Memórias de um Explorador. A Coleção Henrique de Carvalho da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa.
- Capello, H[ermenegildo] e R[oberto] Ivens, 1881: *De Benguella ás terras de Iácça*, Lisboa: Imprensa Nacional, 2 vols.
- Carvalho, Henrique Augusto Dias de, 1885: «Expedição ao Muata Yanvo», *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* 5 (8), pp. 476-492.
- 1889: *O Lubuco. Algumas Observações sobre o Livro do Sr. Latrobe Bateman intitulado The First Ascent of the Kasai*, Lisboa: Imprensa Nacional.
 - 1890a: *Ethnographia e História Tradicional dos Povos da Lunda*, Lisboa: Imprensa Nacional.
 - 1890b: *Methodo Pratico para Fallar a Lingua da Lunda Contendo Narrações Historicas dos Diversos Povos*, Lisboa: Imprensa Nacional.
 - 1890c: *A Lunda ou os Estados do Muatiãnvua, Dominios da Soberania de Portugal*, Lisboa: Adolpho, Modesto & Ca.
 - 1890-1894: *Descrição da Viagem à Mussumba do Muatiãnvua*, Lisboa: Imprensa Nacional, 4 vols.
 - 1892: *Meteorologia, Climologia e Colonização. Estudos sobre a região percorrida pela expedição comparados com os dos benemeritos exploradores Capello e Ivens e de outros observadores nacionaes e estrangeiros. Modo practico de fazer colonisar com vantagem as terras de Angola*, Lisboa: Typographia de Jornal.
 - 1898: *O Jagado de Cassange na Provincia de Angola. Memoria*, Lisboa: Christovão Augusto Rodrigues.
- Carvalho, João Augusto de Noronha Dias de, 1975: *Henrique de Carvalho. Uma vida ao serviço da pátria*, Lisboa: Serviços Gráficos da Liga dos Combatentes.

- Childs, Gladwyn M., 1964: «The Kingdom of Wambu (Huambo). A Tentative Chronology», *Journal of African History* 5 (3), pp. 367-379.
- Corrado, Jacopo, 2008: *The Creole Elite and the Rise of Angolan Protonationalism 1870-1920*. Amherst, New York: Cambria Press.
- Dias, Jill R., 1984: «Uma questão de identidade: Respostas intelectuais às transformações económicas no seio da elite crioula da Angola portuguesa entre 1870 e 1930», *Revista Internacional de Estudos Africanos* 1, pp. 61-94.
- 1986: «Changing Patterns of Power in the Luanda Hinterland. The Impact of Trade and Colonisation on the Mbundu ca. 1845-1920», *Paideuma* 32, pp. 285-318.
 - 1998: «Angola», in Valentim Alexandre e Jill Dias (eds.): *O Império Africano 1825-1890*, Lisboa: Editorial Estampa, pp. 319-556.
 - 2000a: «Relações Portuguesas com as Sociedades Africanas em Angola,» in Valentim Alexandre (ed.), *O Império Africano. Séculos XIX e XX*, Lisboa: Edições Colibri, pp. 69-93.
 - 2000b: «Estereótipos e realidades sociais: Quem eram os “Ambaquistas”?», in *Construindo o Passado Angolano: As Fontes e a sua Interpretação*. Actas do II Seminário Internacional sobre a História de Angola. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, pp. 597-623.
- Ferreira, Roquinaldo Amaral, 2003: *Transforming Atlantic Slavery: Trade, Warfare and Territorial Control in Angola 1650-1800*, PhD dissertation, University of California, Los Angeles.
- 2007: «Africanidade, criouliidade e o Atlântico: Trocas Culturais em Angola (séculos xvii, xviii e xix)», comunicação no *III Encontro Internacional de História de Angola. Para a Elaboração da História Geral de Angola: das Sociedades Antigas à Época Contemporânea*, 25.-28.9.2007 em Luanda, Angola.
- Heintze, Beatrix, 1987: «Written Sources, Oral Tradition and Oral Tradition as Written Sources. The Steep and Thorny Way to Early Angolan History,» in Beatrix Heintze e Adam Jones (eds.), *European Sources for Sub-Saharan Africa before 1900: Use and Abuse*, (= *Paideuma* 33), Stuttgart: Steiner, pp. 263-287.
- 1990: «In Pursuit of a Chameleon: Early Ethnographic Photography from Angola in Context», *History in Africa* 17, pp. 131-156. (Versão portuguesa actualizada in Heintze 2013, cap. X.)
 - 1994: «Ethnohistorische Bildinterpretation im Kontext», *Tribus* 43, pp. 95-111. (Versão portuguesa actualizada in Heintze 2013, cap. XI.)
 - 1999a: *Ethnographische Aneignungen: Deutsche Forschungsreisende in Angola*, Frankfurt am Main: Lembeck. (Segunda edição revista, Frankfurt am Main: Lembeck, edição online sob o título *Deutsche Forschungsreisende in Angola. Ethnographische Aneignungen zwischen Sklavenhandel, Kolonialismus und Wissenschaft*, Frankfurt am Main: Lembeck 2007). A partir de 2011 online: urn:nbn:de:hebis:30-102566.
 - (ed.), 1999b: *Max Buchners Reise nach Zentralafrika 1878-1882. Briefe, Berichte, Studien*, Köln: Köppe.

- 1999c: «Die Konstruktion des angolanischen “Eingeborenen” durch die Fotografie», in Michael Wiener (ed.), *Ethnologie und Photographie, Fotogeschichte* 19 (71), pp. 3-13. (Versão portuguesa in Heintze 2013, cap. XII.)
- 2004: *Pioneiros Africanos: Caravanas de carregadores na África Centro-Ocidental (entre 1850 e 1890)*, tradução de Marina Santos, Lisboa: Caminho/Luanda: Nzila.
- 2004/2005: «A lusofonia no interior da África Central na era pré-colonial — um contributo para a sua história e compreensão na actualidade», *Cadernos de Estudos Africanos* 6/7 (July 2004/June 2005), pp. 179-207 (publicado em 2006). (Versão portuguesa actualizada in Heintze 2013, cap. V.)
- 2006: «Contra as teorias simplificadoras: O “canibalismo” na antropologia e história de Angola», in Manuela Ribeiro Sanches (ed.), «*Portugal não é um país pequeno*». *Contar o Império na pós-colonialidade*, Lissabon: Livros Cotovia, pp. 215-228, 369-395. (Também publicada in Heintze 2013: cap. IV.)
- 2007a: «The Extraordinary Journey of the Jaga through the Centuries: Critical approaches to precolonial Angolan historical sources», *History in Africa* 34, pp. 67-101. (Versão portuguesa in Heintze 2007c, cap. 1.)
- 2007b: «Between Two Worlds: the Bezerras, a Luso-African Family in Nineteenth-Century Western Central Africa», in Philip J. Havik e Malyn Newitt (eds.), *Creole Societies in the Portuguese Colonial Empire*, Bristol: Seagull/Faoiléan (Lusophone Studies 6), pp. 127-153. (Versão portuguesa in Heintze 2013, cap. VI.)
- 2007c: *Angola nos séculos xvi e xviii. Estudos sobre Fontes, Métodos e História*, Luanda: Kilombelombe.
- 2008: «Long-distance Caravans and Communication beyond the Kwango (c. 1850-1890)», in Beatrix Heintze e Achim von Oppen (eds.), *Angola on the Move. Transport Routes, Communication and History / Angola em Movimento. Vias de Transporte, Comunicação e História*, Frankfurt am Main: Lembeck, pp. 144-162. A partir de 2011: urn:nbn:de:hebis:30-102364.
- 2009: *Exploradores Alemães em Angola (1611-1954): Apropriações etnográficas entre comércio de escravos, colonialismo e ciência*. Tradução de Rita Coelho-Brandes e Marina Santos. Versão portuguesa da segunda edição revista pela autora de Heintze 1999a (ver *supra*, publicada em alemão em 2007). Manuscrito, a partir de 2011 online: urn:nbn:de:hebis:30-102349.
- 2010a: «Luso-afrikanische Dolmetscher und kulturelle Vermittler in Angola im 19. Jahrhundert», in Mark Häberlein e Alexander Keese (eds.), *Sprachgrenzen — Sprachkontakte — kulturelle Vermittler. Kommunikation zwischen Europäern und Außereuropäern (16.-20. Jahrhundert)*, Stuttgart: Steiner, pp. 203-222.
- 2010b: «Translocal “kinship ties” in Central African Politics of the 19th century», in Ulrike Freitag e Achim von Oppen (eds.), *Translocality. The Study of Globalising Processes from a Southern Perspective*, Leiden e Boston: Brill, pp. 179-204.
- 2010c: «Hidden Transfers: Luso-Africans as European Explorers’ Experts in Nineteenth Century West-Central Africa», in Paul S. Landau (ed.): *The Power of Doubt: Essays in Honor of David P. Henige*, Parallel Press, pp. 19-40.

-
- 2011: «A Rare Insight into African Aspects of Angolan History: Henrique Dias de Carvalho's Records of his Lunda Expedition 1880-1884 [deve ser: 1884-1888]», in Joseph C. Miller, Philip J. Havik e David Birmingham (eds.), *A Scholar for All Seasons: Jill Dias, 1944-2008*, volume especial de *Portuguese Studies Review* 19 (1-2), pp. 93-113.
 - 2013: *A África Centro-Occidental no Século XIX (c. 1850-1890): Intercâmbio com o mundo exterior – apropriação, exploração e documentação*. Tradução de Marina Santos, Luanda: Kilombelombe.
 - Heywood, Linda M. e John K. Thornton, 2007: *Central Africans, Atlantic Creoles, and the Foundation of the Americas, 1585-1660*, Cambridge: Cambridge University Press.
 - Livingstone, David, 1858: *Missionary Travels and Researches in South Africa*, New York: Harper & Brothers.
 - 1963: *Livingstone's African Journal 1853-1856*, I. Schapera (ed.), London: Chatto & Windus, 2 vols.
 - MacGaffey, Wyatt, 2000: *Kongo Political Culture. The Conceptual Challenge of the Particular*, Bloomington e Indianapolis: Indiana University Press.
 - 2005: «Changing representations in Central African History», *Journal of African History* 46 (2), pp. 189-207.
 - Memórias de um Explorador. A Coleção Henrique de Carvalho da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 2012: Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa.
 - Miller, Joseph C., 1978: «The Dynamics of Oral Tradition in Africa», in Bernardo Bernardi, C. Poni, e A. Triulzi (eds.), *Fonti Orali: Antropologia e Storia*, Milano: Franco Angeli Editore, pp. 75-101.
 - 1980: «Listening for the African Past», in *The African Past Speaks: Essays on Oral Tradition and History*, Folkestone: Wm. Dawson and Sons, pp. 1-59.
 - 1988: *Way of Death. Merchant Capitalism and the Angolan Slave Trade 1730-1830*, London: James Currey.
 - Mourão, Fernando Augusto Albuquerque, 1998: «A Evolução de Luanda: Aspectos Sociodemográficos em Relação à Independência do Brasil e ao Fim do Tráfico», in Selma Pantoja e José Flávio Sombra Saraiva (eds.), *Angola e Brasil nas Rotas do Atlântico Sul*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, pp. 195-224.
 - Pantoja, Selma, 1998: «Três Leituras e duas cidades: Luanda e Rio de Janeiro nos Setecentos», in Selma Pantoja e José Flávio Sombra Saraiva (eds.), *Angola e Brasil nas Rotas do Atlântico Sul*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, pp. 99-126.
 - 2007: «Lógicas dos poderes locais e redes transoceânicas: o Senado da Câmara de Luanda no século xviii,» comunicação no *III Encontro Internacional de História de Angola: Para a Elaboração da História Geral de Angola: das Sociedades Antigas à Época Contemporânea*, 25 a 28.9.2007 in Luanda, Angola.
 - Pogge, Paul, 1880: *Im Reiche des Muata-Jamvo*, Berlin: Reimer.
 - Robertson, John H. e Rebecca Bradley, 2000: «A New Paradigm: The African Early Iron Age without Bantu Migrations», *History in Africa* 27, pp. 287-323.
 - Thornton, John K., 2001: «The origins and early history of the kingdom of Kongo, c. 1350-1550», *International Journal of African Historical Studies* 34 (1), pp. 89-120.

Vajda, László, 1973/1974: «Zur Frage der Völkerwanderungen», *Paideuma* 19/20, pp. 5-53.

Vansina, Jan, 1995: «New Linguistic Evidence and “the Bantu Expansion”», *Journal of African History* 36, pp. 173-195.

- 1998a: «It Never Happened: Kinguri’s Exodus and its Consequences», *History in Africa* 25, pp. 387-403.
- 1998b: «Oral Tradition and Ethnicity: The case of the Pende», manuscrito.
- 1998c: «Government in Kasai before the Lunda», *International Journal of African Historical Studies* 31 (1), pp. 1-22.
- 2000: «Du nouveau sur la conquête lunda», *Congo Afrique* 341, pp. 45-58.
- 2001: «Portuguese vs Kimbundu: Language Use in the Colony of Angola (1575-c. 1845)», *Bulletin des Séances de l’Académie royale des Sciences d’Outre-Mer* 47(3), pp. 267-281.
- 2005: «Ambaca Society and the Slave Trade c. 1760-1845», *Journal of African History* 46 (1), pp. 1-27.

Wissmann, Hermann von, Ludwig Wolf, Curt von François e Hans Müller, 1891: *Im Innern Afrikas. Die Erforschung des Kassai während der Jahre 1883, 1884 und 1885*, Leipzig: F.A. Brockhaus (1888).